

ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO ÂMBITO DA SAÚDE ÍNTIMA DA MULHER¹

SANTOS, Lara Iza Furtado²
LAGE, Michaely Wagna³

RESUMO

Constantemente mulheres sofrem com enfermidades que acometem o aparelho genital feminino. A carência de informações é um dos fatores que mais contribuem para hábitos inadequados de higiene íntima e isso pode estar relacionado ao acometimento de doenças. Em muitas situações, por dificuldade de acesso rápido à especialistas, recorrem à automedicação. Nesse sentido, entra a atuação farmacêutica. Pelo fato de ser um profissional da saúde com grande acessibilidade aos pacientes, é possível desenvolver atenção farmacêutica, prestar seus devidos esclarecimentos às condições clínicas e auxiliar a mulher no entendimento das melhores práticas relacionadas ao cuidado íntimo, de forma a atuar na prevenção de enfermidades e, nos casos relacionados ao tratamento, o farmacêutico tem a possibilidade de orientar sanar dúvidas relacionadas à terapia medicamentosa. Neste trabalho, será abordado uma revisão acerca das possibilidades de atuação do profissional farmacêutico correlacionando aos hábitos íntimos inadequados realizados pelas mulheres. Realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases Google acadêmico, Scielo e PubMed e por conseguinte a discussão da literatura. Foi observado aumento no índice de problemas ginecológicos que mulheres vêm enfrentando durante a vida por decorrência de diversos fatores. O tema em estudo, por ser um assunto pouco discutido, ainda há constrangimento para falar a respeito. Conclui-se a importância de uma melhor comunicação entre o farmacêutico, uma vez que é um profissional com conhecimento técnico que encontra-se na ponta da cadeia de assistência em saúde, e as pacientes, em relação aos cuidados necessários para a prevenção de doenças que afetam a saúde íntima.

Palavras-chave: Atenção farmacêutica. Automedicação. Hábitos de higiene íntima. Saúde íntima da mulher.

ABSTRACT

Women constantly suffer from diseases that affect the female genital system. The lack of information is one of the factors that most contribute to inadequate habits of intimate hygiene and this may be related to the involvement of diseases. In many situations, due to the difficulty of quickly accessing specialists, they resort to self-medication. With this, there is a great opportunity for pharmaceutical performance. As a health professional with great accessibility to patients, it is possible to develop pharmaceutical care, provide appropriate clarifications to clinical

¹ Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Me. Gustavo Parreira Araújo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Farmácia no segundo semestre de 2022, na Faculdade de Inhumas FacMais.

² Acadêmica do X Período do Curso de Farmácia da FacMais. E-mail: Larasantos@aluno.facmais.edu.br.

³ Acadêmica do X Período do Curso de Farmácia da FacMais. E-mail: Michaelylage@aluno.facmais.edu.br.

conditions and help women to understand best practices related to intimate care, in order to act in the prevention of diseases and, in cases related to treatment, the pharmacist has the possibility to guide and resolve doubts related to drug therapy. In this work, we will approach a review about the possibilities of action of the pharmaceutical professional correlating to the inadequate intimate habits performed by women. A bibliographic survey was carried out on the Google Academic, Scielo and PubMed databases and, consequently, a discussion of the literature. It was observed an increase in the rate of gynecological problems that women have been facing during their lives due to several factors. The topic under study, because it is a subject little discussed, there is still embarrassment to talk about it. It is concluded the importance of better communication between the pharmacist, since he is a professional with technical knowledge who is at the end of the health care chain, and the patients, in relation to the necessary care for the prevention of diseases that affect intimate health.

Keywords: Pharmaceutical care. Self-medication. Intimate hygiene habits. Women's intimate health.

1. INTRODUÇÃO

Os cuidados da saúde íntima da mulher ultimamente têm ganhado destaque nas políticas públicas de saúde por meio de campanhas realizadas para exames ginecológicos, pré-natal, diagnósticos, palestras para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, entre outros (PASQUAL; CARVALHAES; PARADA, 2015).

Com frequência, é possível detectar problemas de saúde relacionados a hábitos inadequados de higiene ou cuidados íntimos básicos. É, como consequência, por dificuldade de acesso a profissionais especializados, a automedicação se torna o caminho mais fácil para essas mulheres. Por esse motivo, a presença de profissionais da saúde qualificados, capazes de oferecer os devidos esclarecimentos e instruções quanto à prevenção e recuperação da saúde íntima, pode ser um dos mecanismos eficazes de promover o bem estar da mulher (SILVA et al., 2021).

Nesse cenário, surge a necessidade da atuação do profissional farmacêutico, o qual pode desenvolver um papel central, uma vez que é um profissional da saúde com conhecimento técnico e acessível ao público em geral, capaz de promover educação básica com relação ao cuidado íntimo feminino, uso racional de

medicamentos e assim, atuar como protagonista na prevenção e tratamento de doenças relacionadas à saúde íntima da mulher (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017).

O objetivo deste trabalho é avaliar as possíveis condições que se alteram durante o autocuidado íntimo, descrever os tipos de doenças mais acometidas em virtude de maus hábitos de higiene íntima, analisar a prevalência da automedicação pelas mulheres e discutir a importância da atenção farmacêutica para a saúde íntima da mulher. Esperamos atrair atenção para o tema e contribuir para o desenvolvimento de práticas relativas à saúde íntima da mulher.

2. METODOLOGIA

A pesquisa atual trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa. Foi realizada em bases de dados Google Acadêmico, Scielo e PubMed com o uso dos descritores: atenção farmacêutica, higiene íntima, higiene genital feminina, saúde da mulher, aparelho genital feminino, automedicação, vulvovaginites e cuidados íntimos. A pesquisa bibliográfica incluiu artigos de revisão, livros, editoriais, dissertações de mestrado, teses de doutorado e diretrizes nas línguas portuguesa, inglesa e espanhol com delimitação de periodicidade de publicação entre 2007 a 2022. Foram excluídos trabalhos de conclusão de curso, réplicas e duplicatas, comentários e aqueles que não contemplavam o objetivo deste estudo.

Para alcançar o objetivo proposto, elegeu-se a seguinte questão norteadora: O número de doenças que acometem o aparelho genital feminino tem crescido cada vez mais, dessa forma, como o farmacêutico tem atuado de forma a prestar a atenção farmacêutica eficaz relacionada à saúde íntima da mulher?

A coleta de dados seguiu a leitura exploratória do material selecionado, verificando-se a relevância para este trabalho. Em seguida, após a seleção dos textos, realizou-se a análise e interpretação das informações, ordenação, sumarização e discussão das informações contidas nas fontes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 BEM ESTAR E COMPETÊNCIA EM SAÚDE

A desigualdade de gênero é um tema que vem sendo debatido há bastante tempo. Mulheres a cada dia, lutam para ganhar um espaço representativo e superar situações que envolvem diversos aspectos da sua vida, como trabalho, filhos e moradia, ao mesmo tempo que buscam por saúde e bem estar (BRASIL, 2004; CAZELLA et al., 2019). Em outras décadas, a mulher era vista somente como dona de casa, estado esse geralmente associado à má qualidade de vida, pela dificuldade de acesso e monitoramento de sua saúde (FREITAS, 2017).

Essa realidade, aos poucos, tem mudado, uma vez que ações relacionadas à saúde e bem estar feminino estão sendo cada vez mais efetivas, frequentes e acessíveis. Por serem a maioria da população brasileira, o Ministério da Saúde tem dado um enfoque especial aos programas relacionados às mulheres, as quais fazem parte de constantes campanhas ligadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Com base nas pesquisas, notificações e diagnósticos epidemiológicos dos problemas de saúde das mulheres no Brasil, em 2004, foi decretada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM). Tal política delinea princípios e diretrizes de atenção à saúde feminina, objetivando promover a integralidade, melhoria das condições de vida em saúde, ingresso aos serviços essenciais de cuidados como prevenção, laudos e recuperação (BRASIL, 2004).

Apesar disso, a mulher contemporânea assume atividades diversas, sejam elas no âmbito profissional, familiar ou social. Essa demanda, exige tempo e dedicação que, em alguns casos, pode interferir na sua qualidade de vida. A prevalência no alto índice de diagnósticos positivos para doenças relacionadas à saúde íntima, como corrimentos e infecções vulvovaginites, demonstram a importância e necessidade de acompanhamento profissional qualificado (CAZELLA et al., 2019; RUIZ, 2014). Segundo Chen et al. (2017), o tema da higiene íntima feminina é pouco discutido e não tem recebido a atenção necessária. A mulher deve ser melhor orientada sobre autocuidado íntimo, da limpeza diária do aparelho genital e sobre as formas de prevenção de doenças (SANTOS; SILVA; FONTELES, 2017).

3.2 AUTOCUIDADO ÍNTIMO FEMININO

O aparelho genital feminino possui diversas estruturas e particularidades importantes. A vulva é composta pelo conjunto dos órgãos genitais visíveis, e é essencial na primeira linha de defesa contra doenças infecciosas. Externamente, a vulva é coberta por pelos pubianos, os quais protegem a região contra os atritos e, frequentemente, sujidades que podem se acumular nas dobras vulvares, como nos grandes e pequenos lábios, os quais se estendem sobre a abertura da vagina e da uretra. Além disso, sua localização dificulta a autovisualização, isso colabora ainda mais para uma maior dificuldade na higienização diária. Externamente, também possui a porção final da uretra, um canal pelo qual a urina é eliminada e é uma região vulnerável a infecções fúngicas e bacterianas (RIZZO, 2016; PAULSEN; WASCHKE, 2015; ARAÚJO; AQUINO; MATIAS, 2022; CHEN et al., 2017).

A porção interna do aparelho genital feminino está intimamente relacionada ao sistema reprodutor, composto pela vagina, útero e ovários (PAULSEN; WASCHKE, 2015; ARAÚJO; AQUINO; MATIAS, 2022).

A dificuldade no acesso à informações em relação a anatomia do próprio corpo e formas de prevenção de doenças relacionadas tem levado muitas mulheres a realizarem de forma deficiente a higiene íntima, o que aumenta o fator de risco para infecções do trato urinário e vulvovaginites. Especialmente porque, anatomicamente, a genitália feminina apresenta diferentes nomenclaturas técnicas *versus* populares, que é agravado ainda mais pelo alto índice de analfabetismo do Brasil (FERREIRA; OLIVEIRA; DANTAS, 2013; MINARDI et al., 2011).

A educação em saúde sobre vulvovaginites para mulheres atendidas em um centro de saúde da família foi tema de uma pesquisa realizada por Morais et al. (2014). Nela, os autores avaliaram as percepções das mulheres sobre nomenclaturas típicas relacionadas à saúde íntima, dessa forma, foi possível observar o desconhecimento ao retratar o assunto (Quadro 1).

Quadro 1 – Frases do conhecimento de mulheres sobre educação em saúde íntima

| | |
|---|---|
| Anatomia da genitália | “E a vagina é a parte de dentro, por fora é a vulva? Valha!” |
| Higiene íntima | “Vixe! Dormir sem calcinha pode não, tá errado” “Pode usar sabonete íntimo sempre” |
| Prevenção e controle de vulvovaginites | “Nunca ouvi falar não. ‘Num’ sei o que é” “Eu tinha direto dor no pé da barriga e muita coceira” |

Fonte: Adaptado de Morais et al. (2014).

O estilo de vida da mulher moderna também é um fator que merece destaque. Em tal contexto, a mulher realiza diversas atividades, assim, passam a maior parte do dia fora de casa. Essa jornada pode chegar a 48 horas semanais, por estarem inseridas em compromissos sociais e profissionais (RUIZ, 2014). Isso corrobora para uma maior deficiência no cuidado íntimo diário. Além disso, um dos fatores mais prejudiciais relatados pelos médicos ginecologistas é o uso prolongado de roupas que prejudicam a transpiração da região íntima, como calças justas, que contribuem para o acometimento de irritações genitais (GIRALDO et al., 2013).

A genitália feminina, por ser uma região de difícil visualização, muitas vezes não é higienizada corretamente. Além disso, é um ambiente com pouca aeração por agregar várias pregas de pele e pelo, aumentando ainda mais o atrito e dificultando a remoção de resíduos (oleosidade, lubrificantes, espermatozoides, restos de urina, fezes e papel). A deficiência na higienização íntima contribui para o aumento na reprodução de microorganismos, odores e corrimentos (RUIZ et al., 2019). A limpeza genital tem o intuito de realizar a eliminação desses resíduos aglomerados na região. Para esse fim, são disponíveis inúmeros produtos no mercado de dermocosméticos, tendo como exemplo sabonetes íntimos líquidos, lenços umedecidos, perfumes entre outros. Contudo, com a correria do dia, para muitas mulheres esses produtos se tornam úteis pela maneira de fácil acesso, garantindo frescor e sensação de higiene e bem estar, entretanto, seu uso indiscriminado precisa ser monitorado (RUIZ, 2014; SHAH et al., 2019).

Higioka e Barzotto (2013), sugerem que é importante que produtos íntimos encontrados em supermercados, farmácias ou boutiques possuam em sua fórmula, componentes que, além de compatibilidade físico-química, atuem como agentes hidratantes, de forma a evitar o ressecamento e prurido, e tensoativos para efetuarem emulsificação suave de gorduras e proporcionar adequada limpeza, com o mínimo de irritação cutânea. Vale destacar que, sabonetes para uso corporal são desenvolvidos com um pH entre 4,5 - 5,5, ajustado ao pH do corpo, entretanto, o pH vaginal costuma variar entre 3,8 - 4,2, ou seja, seu uso indiscriminado pode levar a uma alteração no pH vaginal, o que aumenta o risco para infecções fúngicas (BELLA et al., 2009).

Outro método pouco discutido pela literatura e área da saúde é o uso de duchas vaginais. Pesquisas constatam que o seu uso é propício ao desencadeamento de modificação da flora vaginal. Desse modo, Chaves et al. (2009), relataram que mulheres que já fizeram o uso de duchas tiveram 95% mais chances de desenvolver vaginose bacteriana em relação àquelas que não utilizam. Mulheres acreditam que a ducha vaginal realiza uma limpeza não somente externamente, mas em toda cavidade vaginal, o que cria uma falsa concepção de que a região precisa ser constantemente limpa. A ducha vaginal é fortemente condenada pela maioria dos profissionais de saúde, apesar de ser uma prática comum entre as mulheres (AMARAL, 2013).

Com relação ao ciclo menstrual, usualmente, é empregado método de retenção do sangue, entretanto, seu uso prolongado pode causar alteração na temperatura, umidade e até pH do local, o que pode contribuir para o crescimento de fungos e bactérias, e assim, favorecer infecções vaginais (CIRIBELLI, 2017).

Outro ponto que merece destaque com relação à higienização íntima da mulher, é com relação à limpeza da região anal. Por falta de orientação, é comum que mulheres façam higienização no sentido ânus para a vagina. Tal hábito carrega resíduos fecais para a cavidade da uretra e se torna, portanto, um fator de risco aumentado para o desenvolvimento de contaminação fecal-perineal-uretral (SANTOS et al., 2019).

Todos esses fatores, podem ser determinantes para a manutenção da saúde da mulher e, a contraponto, quando deficientes, podem ser porta de entrada para enfermidades.

3.3 DOENÇAS ACOMETIDAS PELA HIGIENE ÍNTIMA INADEQUADA

Enfermidades que acometem a região vaginal podem ser adquiridas pela forma inadequada, ausência e até mesmo o excesso de limpeza do aparelho genital feminino. A infecção urinária é definida pela entrada de bactérias na uretra comprometendo o trato urinário baixo, e pode ser evitada a partir de cuidados simples, como correta limpeza após relações sexuais e após o ato de urinar (RORIZ-FILHO, 2010).

Segundo Slomski (2010), o trato genital feminino inferior sofre excessivamente com as vulvovaginites, sendo uma das queixas mais frequentes de

problemas ginecológicos. São caracterizadas por um tipo de processo inflamatório que pode acarretar a vulva, a vagina e epitélio escamoso do colo do útero, uma vez que pode ser acometido por mais de um microorganismo como bactérias, vírus e fungos. Seu aparecimento apresenta anormalidades na microbiota vaginal e o corrimento vaginal costuma ser uma das primeiras manifestações (SILVA, 2021; BRASIL, 2015; RODRIGUES et al., 2022). Assim, fatores físicos, comportamentais e fisiológicos são responsáveis pelo acometimento de microorganismos no trato genital feminino (MANUEL, 2018; OLIVEIRA; CARNEIRO, 2020).

A candidíase é uma doença infecciosa vaginal originada pelo fungo *Candida albicans*, que pode ser acometida a partir da queda de imunidade do organismo feminino, durante o contato sexual, parto, entre outros. É uma das patologias mais prevalentes nos tecidos da vulva e da vagina. As manifestações clínicas incluem fissuras, disúria externa, secreção vaginal, coceira intensa, corrimento branco leitoso, sem odor característico (NASCIMENTO et al., 2022; FEUERSCHUETTE et al., 2010; BARDIN et al., 2022).

Gardnerella vaginalis é o nome de uma bactéria que vive naturalmente na microbiota vaginal na maioria das mulheres. Quando o organismo apresenta algum desequilíbrio na região da vagina, essas bactérias se multiplicam, o que caracteriza um tipo de vaginose, manifestada por alguns sintomas mais evidentes como corrimento intenso, acinzentado e bolhoso, odor desagradável semelhante ao mau cheiro de peixe estragado. Os fatores de risco incluem uso de duchas vaginais, roupas justas e grande número de parceiros sexuais (MORRILL, 2020).

3.4 A PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO PELAS MULHERES

Visando aliviar os sintomas de algumas dessas condições clínicas, a automedicação tem sido uma prática comumente observada na prática clínica. A automedicação pode ser multifatorial, como o ato de tomar um medicamento sem prescrição médica, compartilhar medicamentos com um amigo ou familiar, utilizar prescrições antigas, descumprir a posologia do médico ou comprar um medicamento sem a orientação de um profissional habilitado (ARRAIS et al., 2016; NAVES et al., 2010). Diversos fatores de risco podem estar associados à prática de automedicação como interações medicamentosas, dependência, reações alérgicas, intoxicações e até a morte (GAMA, 2017).

Diversas razões pode estar relacionadas ao ato da automedicação, como o contratempo do dia a dia, o uso das redes sociais que viabilizam acesso rápido à informações, a agonia e ansiedade de remediar a situação, o grau de incômodo, o alto custo de consultas médicas, a falta de fiscalização em pontos de venda e, principalmente, a inexistência de programas e projetos educacionais com a finalidade de prevenir e orientar as mulheres das consequências da automedicação (KARIMY et al., 2019; MOHSENI et al., 2018; EBRAHIMI et al., 2017; SILVA et al., 2021). As mulheres, às vezes, não têm acesso a informações da decorrência de um fármaco bem como a segurança de seu uso. A maior parte, mal sabem sobre os efeitos colaterais e nocivos que a automedicação pode gerar. Assim, é necessário a orientação correta, que garanta o uso racional dos medicamentos (PEGORARO et al., 2019).

3.5 A RELEVÂNCIA DA ATENÇÃO FARMACÊUTICA

A profissão farmacêutica ao longo do tempo vem passando por várias transformações, possibilitando uma melhor aproximação entre o farmacêutico e o paciente. Por meio de publicações recentes, como a RDC nº 44/2009, que dispõe sobre as boas práticas farmacêuticas e da prestação de serviços em farmácias e drogarias, o farmacêutico ganhou mais destaque na atenção farmacêutica e, conseqüentemente, na melhora da saúde e qualidade de vida dos usuários. Isso vem sendo reforçado com as aplicações dos consultórios farmacêuticos, espaço onde o farmacêutico recebe seus pacientes em consultas individualizadas garantindo a privacidade, sem aquela transição de pessoas como no atendimento do balcão (BRASIL, 2013).

A consulta farmacêutica tem o intuito de realizar uma farmacoterapia efetiva e promover o uso racional de medicamentos. Nesse momento o profissional aplica diversas habilidades importantes trazendo benefícios para saúde do indivíduo, como no caso de uma boa comunicação, de forma a acolher, aconselhar e escutar, sendo empático e assertivo em um bom atendimento com qualidade ao seu paciente (MELO; FRADE, 2017).

Durante o acompanhamento, o farmacêutico tem a oportunidade de registrar informações importantes, podendo ser uma fonte significativa para os médicos e a equipe multiprofissional de saúde (CARVALHO, 2017). Por meio da Resolução

585/2013 do Conselho Federal de Farmácia, é estabelecido que o farmacêutico deve exercer suas atividades em parceria com outros profissionais da saúde, formando um conjunto de ações com objetivo de promover a saúde e o bem estar da população (BRASIL, 2013).

A atenção farmacêutica está ligada aos serviços da prática clínica e, por meio dela, o farmacêutico pode identificar erros de prescrições e usos, realizar a coleta de dados e fazer a aplicação de um plano de cuidado ao paciente. Pacientes possuem facilidade de acesso às drogarias, assim, o farmacêutico tem a possibilidade de exercer uma conduta profissional que levará o uso racional de medicamentos, além de ser uma grande oportunidade de prestar informações de qualidade e confiáveis à uma parcela vulnerável da população, uma vez que, em muitas situações, é mais fácil procurar um farmacêutico do que enfrentar uma fila para consulta médica e exames (POSSAMAI; DACOREGGIO, 2007; SILVA, 2018).

Hoje na área ginecológica, o farmacêutico colabora na prevenção, promoção e recuperação da saúde da mulher, através da sua coordenação no uso de medicamentos e produtos dermocosméticos, além de contribuir para o diagnóstico de doenças através de sua orientação para um encaminhamento a um centro de saúde específico. O contato primário e mais acessível, muitas vezes, ocorre nas drogarias, local onde o farmacêutico executa um atendimento essencial estabelecendo informações seguras, contribuindo para as necessidades de saúde da mulher (MAXIMO; ANDREAZZA; CECÍLIO, 2020; PEREIRA; FREITAS, 2008).

O farmacêutico dentre as demais atribuições, também contribui na realização dos tratamentos não farmacológicos. As ações educativas voltadas para a saúde íntima da mulher é uma das condições que se dá à contribuição do tratamento, como o uso de calcinhas de algodão, o número de absorventes trocados ao dia, o mal uso frequente de absorventes internos, a forma correta da higiene íntima com o uso de sabonetes íntimos (EMILIANO, 2013; BARDIN, 2013).

O farmacêutico durante sua formação acadêmica é qualificado para agregar uma qualidade de vida melhor aos pacientes. Esse profissional tem condições de promover uma farmacoterapia racional, possibilitando o acesso, minimizando gastos, através de suas atribuições consideráveis.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estágio de pesquisa do trabalho, evidenciou o impacto causado pelas más condutas de higiene íntima da mulher, as quais contribuem para o crescente acometimento de doenças no aparelho genital feminino e, conseqüentemente, automedicação. Diante disso, foi observado que a maior parte das mulheres não têm acesso a um acompanhamento adequado em saúde. Devido à carência de informações, afazeres diários e incorretos hábitos de higiene íntima, é comum verificar acometimento de enfermidades, assim, o objetivo deste trabalho foi abordar como o farmacêutico pode atuar nesse cenário, uma vez que é um dos profissionais mais acessíveis à população e com conhecimento técnico necessário para prestar os devidos esclarecimentos e orientações às mulheres que chegam aos balcões de drogarias ou farmácias. Por meio da atenção farmacêutica, é possível instruir a paciente sobre corretos hábitos de higiene íntima, uso diário de produtos íntimos e duchas vaginais, frequência e tempo de higienização, orientação sobre o correto e racional uso de medicamentos e, quando necessário, orientar para o encaminhamento a outro profissional da saúde. Uma atenção farmacêutica, quando bem realizada, tem o potencial de gerar impactos positivos colaborando na efetivação de melhores hábitos de higiene e vida, prevenção e tratamento de doenças.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, R. L. et al. Relationship between vaginal douching and bacterial vaginosis, sexually transmitted diseases and HIV infection: systematic review. **DST j. bras. doenças sex. transm.**, p. 183-189, 2013. Disponível em: <<https://www.bjstd.org/revista/article/view/761>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ARAÚJO, D. V.; AQUINO, D. A. A.; MATIAS, T. E. S. **Conversa para mulher**. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/46713>>. Acesso em: 03 mai. 2022.

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalence of self medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/PNCVwkVMbZYwHvKN9b4ZxRh/abstract/?lang=en>>. Acesso em: 28 set. 2022.

BARDIN, M. G. et al. Habits of Genital Hygiene and Sexual Activity among Women with Bacterial Vaginosis and/or Vulvovaginal Candidiasis. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 44, n. 02, p. 169-177, 2022. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbgo/a/PZxhXrjGtJJRTbY8jDKwhGL/abstract/?lang=en>>. Acesso em: 24 set. 2022.

BELLA, Z. I. K. J. et al. O uso de sabonetes íntimos femininos. **Femina**, p. 229-234, 2009. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/10053>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução **RDC/ANVISA nº 44, de 17 de agosto de 2009**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2009/rdc0044_17_08_2009.pdf>. Acesso em 25 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2007/politica_mulher.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico diretrizes terapêutica e atenção integral a pessoas com infecções sexualmente transmissíveis**. Brasília, DF. 2015. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_a_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

CARVALHO, M. N. et al. Workforce in the pharmaceutical services of the primary health care of SUS, Brazil. **Revista de Saúde Pública**. V. 51, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/DrfhpyyKLkXPgh9WQ53hzMv/abstract/?lang=en>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

CAZELLA, L. G. et al. Qualidade de vida de mulheres e as características sociodemográficas associadas. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 3, p. 34-39, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2448>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

CHÁVEZ, N. et al. Duchas vaginales y otros riesgos de vaginosis bacteriana. **Revista peruana de medicina experimental y salud pública**, v. 26, n. 3, p. 299-306, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1726-4634200900030006>. Acesso em: 22 abr. 2022.

CHEN, Y. et al. Role of female intimate hygiene in vulvovaginal health: Global hygiene practices and product usage. **Women's Health**, v. 13, n. 3, p. 58-67, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1745505717731011>>. Acesso em: 07 set. 2022.

CIRIBELLI, F. O corpo pedagogizado: fluidos femininos e propagandas de absorvente. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo (RICD)**, v. 2, n. 6, p. 47-56, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6254196>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

EBRAHIMI, H. et al. Self medication and its risk factors among women before and during pregnancy. **Pan African Medical Journal**, v.27, n. 183, 2017. Disponível em: <<https://www.ajol.info/index.php/pamj/article/view/159956>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

EMILIANO, J. P. M. Assistência farmacêutica e atenção farmacêutica: Novas perspectivas para o Farmacêutico. **Revista de APS**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15069>>. Acesso em: 28 ago. 2022.

FERREIRA, F.; OLIVEIRA, A.; DANTAS, F. Higiene genital feminina. **AÇÃO DE FORMAÇÃO INTERNA**, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.10/1000>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

FEUERSCHUETTE, O. H. M. et al. Candidíase vaginal recorrente: manejo clínico. **Femina**, v. 38, 2010. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-545642>>. Acesso em: 03 mai. 2022.

FREITAS, G. L. Discutindo a política de atenção à saúde da mulher no contexto da promoção da saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47053>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rngenf/a/HQm9Gznw68wWrB7wtWR4FMQ/abstract/?lang=p>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

GIRALDO, P. C. et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 35, n. 9, pp. 401-406, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-72032013000900004>>. Acesso em: 06 abr. 2022.

HIGIOKA, A. S.; BARZOTTO, I. L. M.. Desenvolvimento e controle físico-químico de sabonete líquido com digluconato de clorexidina. **Revista de ciências farmacêuticas básica e aplicada**, v. 34, n. 4, 2013. Disponível em: <<http://rcfba.fcfar.unesp.br/index.php/ojs/article/view/178>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

KARIMY, M. et al. Fatores de risco associados à automedicação entre mulheres no Irã. **BMC saúde pública**, v. 19, n. 1, pág. 1-7, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s12889-019-7302-3>>. Acesso em: 25 set. 2022.

MANUEL, V. H. V. Vaginal microbiota and bacterial vaginosis. **Online J Gyne Obste Maternity Care**, v. 1, n. 1, p. 180001, 2018. Disponível em: <<https://academicstrive.com/OJGOMC/OJGOMC180002.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2022.

MÁXIMO, S. A.; ANDREAZZA, R. CECÍLIO, L. C. .O. Assistência farmacêutica no cuidado à saúde na Atenção Primária: tão perto, tão longe. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. e 300107, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/physis/v30n1/0103-7331-physis-30-01-e300107.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

MELO, A.; FRADE, J. **Serviços farmacêuticos diretamente destinados ao paciente, à família e à comunidade: contextualização e arcabouço conceitual**. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, v. 1, 2017. Disponível em: <https://www.cff.org.br/userfiles/Profar_Arcabouco_TELA_FINAL.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2022.

MINARDI, D. et al. Infecções do trato urinário em mulheres: etiologia e opções de tratamento. **Revista Internacional de Medicina Geral** , v. 4, p. 333, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3108201/>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

MOHSENI, M. et al. Prevalência e motivos da automedicação em gestantes: revisão sistemática e metanálise. **Revista Internacional de Enfermagem e Obstetrícia Baseada na Comunidade**, v. 6, n. 4, pág. 272, 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6226611/>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

MORAIS, R. S. et al. Educação em saúde sobre vulvovaginites para mulheres atendidas em um centro de saúde da família. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 27, n. 4, p. 513-517, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/408/40840410011.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

MORRILL, S.; GILBERT, N. M.; LEWIS, A. L. Gardnerella vaginalis as a Cause of Bacterial Vaginosis: Appraisal of the Evidence From in vivo Models. **Frontiers in cellular and infection microbiology**, v. 10, p. 168, 2020. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fcimb.2020.00168/full>>. Acesso em: 24 set. 2022.

NASCIMENTO L. B. et al. Perfil de mulheres mais vulneráveis a desenvolver candidíase e seu tratamento farmacológico. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e35111032477-e35111032477, 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32477>>. Acesso em: 08 set. 2022.

NAVES, J. de O. S. et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1751-1762, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v15s1/087.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

OLIVEIRA, J. A. G; CARNEIRO, C. M. Fatores associados a alterações da microbiota no trato genital feminino inferior. **Pensar Acadêmico**, v. 18, n. 2, p. 289-299, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.21576/pa.2020v18i2.1707>>. Acesso em: 02 set. 2022.

PASQUAL, K. K.; CARVALHAES, M. A. de B. L.; PARADA, C. M. G. de L. Atenção à saúde da mulher após os 50 anos: vulnerabilidade programática na Estratégia

Saúde da Família. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, p. 21-27, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rngenf/a/hTjyZcRQ7DBqy9BfWQ6TTMd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 out. 2022.

PAULSEN, F. WASCHKE. **Sobotta: Órgãos internos**. 23. ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2015.

PEGORARO, C. M. R. et al. Caracterização da prática de automedicação com analgésicos para o tratamento da dor. In: **Colloquium Vitae**. ISSN: 1984-6436, p. 85-91, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2437>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PEREIRA, L. R. L.; FREITAS, O. A evolução da Atenção Farmacêutica e a perspectiva para o Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, p. 601-612, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcf/a/d9zrdFQdY8tSqMsCXQ8WWBC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 21 mai. 2022.

POSSAMAI, F. P.; DACOREGGIO, M. S. A habilidade de comunicação com o paciente no processo de atenção farmacêutica. **Trabalho, educação e saúde**, v. 5, n. 3, p. 473-490, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/pVDQHJvjnKszVX8R7v3CgnR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

RIZZO, D. C. **Fundamentos da anatomia e fisiologia**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2016.

RODRIGUES, H. J. C. et al. Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e2611326192-e2611326192, 2022. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26192>>. Acesso em: 08 set. 2022.

RORIZ FILHO, J. S. et al. Infecção do trato urinário. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 43, n. 2, p. 118-125, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/166>>. Acesso em: 13 set. 2022.

RUIZ, C. **Avaliação dos cuidados diários dos genitais femininos de médicos ginecologistas**. 2014. 63 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/927717>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

RUIZ, C. et al. Daily genital cares of female gynecologists: a descriptive study. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 65, p. 171-176, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ramb/a/BD9jFpKjDF7LJbGqX4QxHkP/abstract/?lang=en#>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SANTOS, S. L. F.; SILVA, J. M. G.; FONTELES, M. M.F. **Educação em saúde sobre higiene íntima da mulher e infecções sexualmente transmissíveis: relato**

de experiência. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40905>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SANTOS, C. J. et al. Elaboração de material didático para compreensão da anatomia genital feminina e peculiaridades na sua higienização. **Arquivos do MUDI**, v. 23, n. 3, p. 10-21, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/51509>>. Acesso em: 09 set. 2022.

SHAH, S. K. et al. Knowledge and Practice of Genital Health and Hygiene among Adolescent Girls of Lalitpur Metropolitan City, Nepal. **American Journal of Public Health Research**, v. 7, n. 4, pág. 151-156, 2019. Disponível em: <<http://www.sciepub.com/AJPHR/abstract/10771>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SILVA, B. V. et al. Prevalência da automedicação em mulheres. **Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218, v. 2, n. 11, p. e2111037-e2111037, 2021. Disponível em: <<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1037>>. Acesso em: 23 abr. 2022.

SILVA, M. J. S. da et al. **Atenção oncológica e assistência farmacêutica no Sistema Único de Saúde.** 2018. Tese de Doutorado. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48847>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

SILVA, N. C. et al. Papel do farmacêutico clínico no tratamento de vulvovaginites. **Simpósio Regional de Ciência, Tecnologia e Inovação da Amazônia Ocidental (ISSN: 2763-552X)**, n. 3, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/simposio/article/view/882>>. Acesso em: 02 set. 2022.

SILVA, J. B. et al. Educação em saúde sobre autocuidado íntimo e ISTs para mulheres em situação de vulnerabilidade. **Rev Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde.** 2021:1-6. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/redcps.com.br/pdf/aop2106.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2022.

SLOMSKI, L.; LIMA, A. P. W.; DE SOUZA, A. G. Avaliação da presença de microrganismos ou seus efeitos citopáticos em esfregaços cervicais de prostitutas. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 2, n. 4, 2010. <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/2309>>. Disponível em: Acesso em: 24 set. 2022.

WASCHKE, J.; BOCKERS, T. M.; PAULSEN, F. **Sobotta: Anatomia clínica.** 1. Ed. Rios de Janeiro: Elsevier, 2015.